

à paisagem doce e vergiliana da Madeira, e dos campos do Ribatejo, e nunca supusemos uma natureza tão forte, tão rica, tão encantadora, de motivos tão heróicos e grandiosos.

Em vários edifícios, e nas feitorias das antigas casas estrangeiras, Raich, J. Aine & C.^a, Fabre, Holandesa, flutuava a bandeira portuguesa e bem assim a das suas nacionalidades. A «Carnavorn» lançara ferro um pouco junto do cais da Alfândega. No pôrto havia bastantes pangaios (1), lanchões, barcos, escaleres, almadias (2), algumas muito grandes chamadas côxos (3), que nos causavam uma certa admiração e estranheza. De bordo víamos aparecer no cais, e na avenida marginal, alguns europeus, ávidos de curiosidade, para verem os que chegavam do reino, porque era esta a maneira como se referiam à Metrópole, no tempo da monarquia. Como era natural, alguns grupos de indígenas assistiam, também, ao desembarque dos novos muzungos. Depois de cumpridas as formalidades inevitáveis e indispensáveis para o vapor se considerar desimpedido, vimos atracar um escaler com tóldo, muito branco, que vinte e quatro robustos remadores, doze por cada lado, faziam mover rapidamente, empunhando umas curtas pás, chamadas pagaias, em vez do nosso conhecido remo de voga.

Pertencia ao nosso companheiro de viagem, o muzungo Romão, que saltando para êle, nos convidou a segui-lo. A curta distância do vapor ao cais, foi velozmente vencida, graças ao impulso vigoroso dos remadores negros, que pareciam autênticos e experimentados marinheiros. O cadenciado e lento pagaiar era acompanhado dum cantar harmonioso, repassado de tristeza, que caracteriza todos os cantares indígenas:

Oué... oué... oué...

Muzungo Romão Ofia

Oué... oué... Marral N'Odoa

O que traduzido à letra queria dizer:

Muzungo Romão chegou

E segue para o Marral

(1) Embarcações de popa alta, de dois mastros que faziam o tráfico entre a Índia e Moçambique, hoje quasi reduzido pela navegação a vapor.

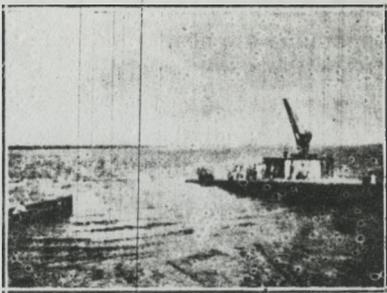
(2) Espécie de canoa, cavada num tronco de árvore, mais ou menos secular; em Angola chamados «lutem».

(3) Almadia muito grande, bojuda; hoje rara por se terem abatido os seculares árvores, em que eram cavadas. Havia-as que carregavam 40 e 50 sacos.

Causou-nos grande surpresa e admiração ver a maneira, veloz e rápida, como o escaler cortava as turvas águas dos Bons Sinais, movido pelas 24 pagaias dos seus 12 marinheiros de cada lado, que ao som das cantorias, as levantavam à altura das cabeças, dando-lhes palmadas.

No cais, várias pessoas conhecidas, tôdas vestidas de branco, esperavam o Romão de Jesus Maria, e êle dignou-se apresentar-nos como um futuro africanista, porque os termos colonial e colonialista, não se usavam como agora.

Feitos os cumprimentos, fomos de machila para a sua casa, situada na rua principal de Quelimane, chamada Rua de Nossa Senhora do Livramento. Presentemente, essa artéria é designada Avenida da República.



Ponte-cais de Quelimane

A habitação do nosso companheiro de viagem, transformado pela tradicional hospitalidade zambeznana em nosso hospedeiro, tinha, como quasi tôdas as casas daquela vila, um grande quintal na rectaguarda, com laranjeiras, tangerineiras e algumas palmeiras. A cozinha, segundo o costume, ficava isolada, e a um dos lados, via-se a casa dos moleques, com uma divisão para os mainatos (*). Ao fundo havia uma arranjada duma só água, para guardar a lenha, a qual tinha também, um ou dois fornos.

A um canto, à sombra das tangerineiras, decerto para que estivesse protegida pelos ardentes raios solares, deu-nos no gôto uma casita tôda pintada de branco, de dois metros de comprimento por sessenta centímetros de alto, com uma minúscula porta e duas janelas laterais. Era a casita do escaler, na qual o muzungo Romão se encafuava quando subia o rio, para ir para o Marral.

Pela prática verificámos, depois, que os escaleres que subiam o Zambeze, até Tete e Sena, e o rio dos Bons Sinais, tinham todos essas casitas, não como mero ornamento, mas sim para comodidade de quem dêles se utilizava, onde à vontade se podia estender um colchão e dormir. O patrão do escaler acorava-se entre essa casita e o leme,

(*) Lavadelros, correspondendo esse compartimento, na Metrópole, ao chamado quarto dos engomados.

(luane) no prazo Pepino, na margem oposta à vila, encravado nos prazos Carungo e Inhassuje (1).

Outras vezes, ainda ia mais longe, em busca de objectos que pudesse adquirir, trocar ou vender.

Espírito temperado na luta, atravessou, como se costuma dizer, um mar de dificuldades, antes de poder conseguir o capital suficiente para comprar alguns palmares, e plantar os que pudesse nos terrenos



Dança indígena

juntos, pois que bem sabia que o recompensariam de todos os seus esforços e canseiras. Fêz em Mijelene, hoje quási em plena produção, uma plantação de alguns milhares de palmeiras.

Naquêles prazos, como em tôda a baixa Zambézia, as planícies alagadas (dambos) (2) são a espaços cortadas por elevações que correm no sentido nascente-poente, abauladas de terrenos, chamados murrundas. (3)

Nelas se fixaram as povoações indígenas, com as suas culturas

(1) Estes prazos, bem como os restantes, foram em 1931, entregues ao Estado, tendo caducado o seu tão tradicional regime. Hoje pertencem ao pósto administrativo de «Inhassuje», Circunscrição de Quelimane.

(2) Dá-se este nome a planícies alagadas na época das chuvas; nalgumas há depressões de terreno, onde a água poucas vezes seca, e são abundantes em peixe, chamado munemune ou mucage.

(3) Tratos de terreno onde os indígenas habitam por não o poderem fazer nas planícies alagadas.

de mandioca, feijão, palmeiras, etc., semeando o arroz e milho, nas baixas adjuntas.

O Mijelene, foi muito bem escolhido, por ser a murrunda mais alta, naquêles prazos. Depois mandou construir um chalé, com rés do chão e primeiro andar, varandas em volta, como em África se usa, donde se disfruta um largo horizonte, por aquelas grandes planícies, a perder de vista.

Uma estrada, partindo da praia do ex-Prazo Carungo (1), liga êste com o sul do mesmo, atravessa a propriedade do Quim, passando rente com o chalé que êle mandara edificar.

Em consequência disto, tínhamos que passar muitas vezes, à sua porta, em volta da qual, em promiscuidade, e à solta, se viam bandos



Camiões transportando copra

de ganços, de patos mudos, carneiros, ovelhas e cabritos. E, tôda esta bicharia, em plena liberdade, não provocava distúrbios ou chinfrins, visto que, cada um tratava de procurar o seu sustento, onde lhe parecia que com mais facilidade o encontraria, sem entre êles haver discórdias e disputas.

(1) Este melhoramento local foi por nós feito algumas décadas atrás afim de obtermos comunicação acessível e directa, com as plantações que possuímos, na parte sul do prazo de que fomos arrendatário durante 47 anos.